

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES - CCECA
CURSO: BACHARELADO EM JORNALISMO

**AOS PÉS DA SANTA CRUZ:
A formação de uma cidade a partir da fé**

Pedro Victor da Silva Lima
Richards Amadeu Sales Soares

Teresina – PI
2025

PEDRO VICTOR DA SILVA LIMA
RICHARDS AMADEU SALES SOARES

**AOS PÉS DA SANTA CRUZ:
A formação de uma cidade a partir da fé**

Relatório técnico-científico do vídeo-documentário “Aos pés de Santa Cruz”, apresentado ao Curso de Bacharelado em Jornalismo, da Universidade Estadual do Piauí, como parte dos pré-requisitos para a aprovação na disciplina TCC2 e para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosane Martins de Jesus

Teresina–PI
2025

Aos pés da Santa Cruz: A formação de uma cidade a partir da fé.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Jornalismo, da Universidade Estadual do Piauí, como parte dos pré-requisitos para a aprovação na disciplina TCC 2, e para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em ____/____/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosane Martins de Jesus
Orientadora- Universidade Estadual do Piauí

Profa. Dra. Samária Araújo de Andrade
Examinador- Universidade Estadual do Piauí

Profa. Ma. Thamyres Sousa de Oliveira
Examinador- Universidade Estadual do Piauí

Dedicatória

Dedicamos este trabalho ao povo que vive da fé — àqueles que sustentam a história pela força da palavra falada, pela memória compartilhada, pela crença que não se apaga.

A todos que ainda acreditam em um jornalismo feito com humildade, com verdade e com o coração aberto. No qual, por ele, podemos construir uma realidade melhor, com outras visões, pensamentos, ideias e desejos.

Este trabalho é para quem crê no humano como o único caminho possível para contar as histórias deste mundo e por ele se transformar em um lugar melhor. Dedicamos a fé, em tudo que acreditamos.

Pedro Victor da Silva Lima e Richards Amadeu Sales Soares

Agradecimentos

Agradeço a Deus e à Santa Cruz. No final das contas, esse trabalho me tornou também, um homem de fé. Uma fé que eu nem sabia que morava em mim.

Agradeço ao meu pai, meu maior exemplo de coragem e integridade. E para mim, sempre será o maior Jornalista de todos. Agradeço a minha vó, que já se foi, mas somente por ela, hoje tenho esse trabalho em mãos. A primeira promessa, fiz por ela. Agradeço ao meu irmão, João Vitor, que sempre me ajudou em todas as loucuras que elaborei. E agradeço a Maria Clara Marques, minha eterna companheira nessa jornada.

Agradeço à Dra. Rosane Martins, minha orientadora destinada. Mesmo quando o tempo e os caminhos pareciam "descompassados" - uma palavra que ela usaria - ela nunca deixou de acreditar em mim. No fim desta jornada, vejo nela não apenas uma mestra, mas acho que posso dizer...uma amiga.

Agradeço em especial também aos meus amigos que estiveram comigo. E em particular, ao querido Richards Amadeu, meu parceiro incansável nessa travessia: essa conquista também é sua. Completamos juntos essa missão, com o coração inteiro.

Pedro Victor da Silva Lima

Agradeço aos meus pais por, desde pequeno, sempre terem me incentivado a conquistar meus sonhos através dos estudos, pelos privilégios que me proporcionaram, por sempre estarem ali, quando eu precisava e por acreditarem que um dia eu me formaria e hoje estou aqui, tornando isso realidade.

Ao meu noivo, namorado, marido, amigo e (algumas vezes) terapeuta, Apolo Erlantz, por acompanhar essa minha jornada no jornalismo há um bom tempo, e me dando choques de realidade sempre quando era necessário, o que era quase o tempo todo, e o apoio em todo esse tempo junto com você, por sempre acreditar no meu potencial, mesmo quando, muitas vezes, eu mesmo não acreditava, e por ter me ajudado na matéria de telejornalismo, porque nada mais justo que dividir os meus trabalhos de faculdade também com ele. PS: ele só me orientou como fazer as edições de reportagem e nada mais além disso.

À minha professora e orientadora, Rosane Martins de Jesus, que consegue ser mais do que esses títulos, é uma amiga, conselheira e às vezes até mesmo uma mãe, que falta pegar na

mão dos seus filhos/orientandos para fazer os trabalhos, e que tem muita paciência, o que é algo que admiro muito, principalmente em relação ao Pedro e eu, por sermos enrolados, mas que sabemos desenrolar no final.

Ao querido Rayson Dias, mesmo ele não sabendo como me ajudou nesse trabalho, mas sem os teus livros emprestados eu não conseguiria relaxar minha cabeça quando eu só lia artigos e mais artigos, além do TCC. Meus agradecimentos por ter me ajudado a descansar minha mente de alguma forma.

Ao meu amigo, companheiro de longa data, e quase um irmão, ao ponto de odiar estar sempre junto, Pedro Victor, com quem divido trabalhos há oito anos, e, novamente, fizemos um trabalho juntos, onde juntamos uma das áreas da nossa vida que temos em comum, a fé. Sem tuas ideias mirabolantes, o otimismo que as coisas vão dar certo, mesmo quando eu sabia que tu mal acreditava também que daria certo, e principalmente, por ser parceiro em todo esse tempo no curso e no nosso trabalho de conclusão.

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte de mim nessa caminhada até aqui, porque não existe sucesso de um sem o apoio de muitos.

Richards Amadeu Sales Soares

Resumo

O presente trabalho visa, através da construção de um vídeo documentário, narrar as histórias de fé e promessas religiosas em torno da figura da Santa Cruz, um objeto inanimado que ganhou poderes divinos e realiza milagres na vida daqueles que creem, com base na Lenda do Vaqueiro, responsável por formar a cidade de Santa Cruz dos Milagres, município localizado no Norte do Piauí. Neste sentido, a pesquisa busca traçar uma linha de entrevistas que corroboram na autentificação da lenda, com moradores e turistas do estado. Faz-se presente na elaboração desse estudo conhecimentos da História Oral, em razão da importância do registro histórico perpassado de geração em geração para a história da cidade, além disso, há também os conceitos básicos da ética e edição de vídeo documentário, e os estudos jornalísticos das coberturas religiosas. Foi necessário também uma pesquisa de campo, durante os dias que antecedem um dos maiores eventos religiosos do estado: o Encontro dos Santos, que acontece anualmente em todo segundo domingo de novembro, para que pudéssemos compreender melhor, não apenas as histórias, como também as vivências do cotidiano de quem mora em Santa Cruz dos Milagres.

Palavras-chave: religião; videodocumentário; jornalismo

Abstract

This work aims, through the construction of a documentary video, to narrate the stories of faith and religious promises surrounding the figure of the Holy Cross, an inanimate object that gained divine powers and performs miracles in the lives of those who believe, based on the Legend of the Cowboy, responsible for forming the city of Santa Cruz dos Milagres, a municipality located in the North of Piauí. In this sense, the research seeks to trace a line of interviews that corroborate the authenticity of the legend, with residents and tourists of the state. Knowledge of Oral History is present in the elaboration of this study, due to the importance of the historical record passed down from generation to generation for the history of the city. In addition, there are also the basic concepts of ethics and editing of documentary videos, and journalistic studies of religious coverage. It was also necessary to conduct field research during the days leading up to one of the state's largest religious events: the Meeting of the Saints, which takes place every second Sunday in November, so that we could better understand not only the stories, but also the daily experiences of those who live in Santa Cruz dos Milagres.

Keywords: religion; video documentary; journalism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 SOBRE O OBJETO E AS BASES TEÓRICAS.....	14
1.1 A grande fé de uma pequena cidade.....	14
1.2 Jornalismo e as coberturas religiosas.....	19
1.4 Outros aportes teóricos.....	22
2 VÍDEO-DOCUMENTÁRIO COMO PRODUTO JORNALÍSTICO.....	24
2.1 Princípios éticos do documentário audiovisual.....	25
3 - O DOCUMENTÁRIO “AOS PÉS DA SANTA CRUZ”.....	27
3.1 Da Pré-produção a pós-produção.....	27
3.2 Ainda sobre a produção: entrevistados.....	28
3.3 Próximos passos: compartilhando o documentário.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICES.....	37
Apêndice 1: Viagem à Santa Cruz dos Milagres.....	38
Apêndice 2: Viagem para Altos - 3 de Maio de 2025.....	46
Apêndice 3: Viagem para Nazária - 17 e 18 de Maio de 2025.....	48

INTRODUÇÃO

Conhecida como um dos principais locais de devoção católica no Nordeste, possuindo uma das maiores romarias da região, e tendo o único santuário reconhecido no Piauí pelo Vaticano, em 2010, (Gonçalves, 2013), o município de Santa Cruz dos Milagres reúne histórias de fé, milagres e superação ao longo de sua formação. O início da devoção no local, não possui uma data precisa, mas acredita-se que isso remonta aos séculos XVI e XVII. Embora não haja registros precisos sobre a datificação, alguns atribuem essa devoção ainda ao tempo dos jesuítas, quando o lugar era apenas um povoado.

A cidade de Santa Cruz dos Milagres, que só foi emancipada politicamente apenas na década de 1990, foi erguida como um local santo a partir da lenda, que é passada de geração a geração. Um artifício usado para a construção de uma narrativa que perdura até os tempos atuais, por carregar o valor simbólico de uma história narrada por pessoas que viveram e vivem na cidade (Alberti, 2006). Um dos moradores da cidade que atesta a lenda e acredita fielmente, é o “Mundim Macaco”, um dos moradores mais antigos da cidade que narra em entrevista, com muita fé, a história da origem.

“Reza a lenda” que a cidade surgiu a partir de um milagre de cura da filha de um vaqueiro do, até então, povoado, onde o mesmo teria banhado a sua filha em um Olho D’água, apontado como milagreiro por um beato. Segundo o conto, o vaqueiro teria encontrado o beato no alto do morro e este havia lhe dito para fazer uma cruz com galhos e seguisse o caminho até encontrar um lugar para fincar a cruz no chão afirmando que a água que iria jorrar do local faria milagres. A cruz foi plantada próxima a árvore Aroeira. Desde então, passou a reunir, ao longo dos anos, milhares de fiéis que constituíram a cidade, e de viajantes, que buscam um milagre ou alguma intervenção divina em suas vidas. Hoje, essa mesma cruz é guardada no Santuário de Santa Cruz dos Milagres.

Dessa forma, a lenda do vaqueiro, ao longo dos anos, destaca a força da História Oral sobre uma sociedade que se formou a partir da crença de um acontecimento. Tal história possui ainda como fontes legítimas os próprios moradores, que são apresentados no vídeo-documentário “Aos pés da Santa Cruz” como personagens e narradores dos fatos, sendo assim, utilizados também como fonte documental (Alves, 2016).

De acordo com Patrícia de Sousa Santos (2008) a cidade passou por mudanças

significativas a partir das ações do Padre Davi Mendes Oliveira¹ na então região valenciana. Davi Mendes foi responsável por trazer o primeiro censo demográfico da região, que apontava a existência de pequenos currais, assim como, de fazendas nas proximidades do Rio Nicolau que atravessa a cidade de Santa Cruz dos Milagres. Com a chegada dos jesuítas, no final do século XVII, mesmo que por uma curta permanência, ainda assim, deixou marcas no pequeno povoado com a adoção de práticas religiosas, contribuindo para a construção de uma “cidade santa” no decorrer dos anos.

Compreendendo o impacto representativo, tanto da figura da Santa Cruz, quanto da cidade, dos ritos locais, das histórias e do contexto histórico, desenvolvemos um vídeo-documentário, onde apresentamos as histórias dessas pessoas, emolduradas sob a perspectiva de formação do município de Santa Cruz dos Milagres, no estado do Piauí. Seguindo o modelo de documentário audiovisual expositivo.

De acordo com Bill Nichols² (2001), esse tipo de documentário expõe os personagens, tendo o foco nas suas próprias narrativas. Neste documentário, apresentamos enquanto personagens: o “Mundim Macaco” e o “Seu Cosme”, além de outros personagens registrados ao longo da estadia de 6 dias em Santa Cruz dos Milagres-PI. Estivemos na cidade entre os dias 5 e 10 de novembro de 2024. Acompanhamos o período antes e durante a festividade que é conhecido popularmente como “Encontro dos Santos”, que reúne não apenas moradores da cidade, mas fiéis da Santa Cruz, de diversas outras paróquias próximas a cidade, em um rito de conversão da fé.

Ainda quanto ao video-documentario, ele trará consigo as características presentes em sua tipologia, da ênfase das falas dos entrevistados, a partir da ideia de que, suas histórias são fontes documentais da formação da cidade, e também com intervenção de fala, como forma de orientar o público sobre a condução do vídeo-documentário para melhor assimilação do conteúdo. As imagens também são um importante recurso de contribuição para uma melhor visualização da lenda narrada sob a óptica dos personagens entrevistados, atentando, claro, ao modo como é manipulado e editado. Essas ações ajudarão a conduzir o

¹ O livro é uma obra do Padre Davi Mendes Oliveira, encontrado por acaso pelas pesquisadoras Patrícia Santos e Suyanne Cardoso, em 2008, na Biblioteca Pública Abdias Neves, localizada no Centro de Teresina, no Piauí. O livreto não possui editora e sua data de publicação é incerta, tendo sido feita pelo próprio padre, que distribui em algumas bibliotecas públicas do estado. É apontado que, o ano provável de sua realização, é no ano de 1998, quando o Padre completou 30 anos atuando no Santuário.

² Bill Nichols é um teórico americano que, a partir de seus estudos sobre cinema, com a criação do livro *Introdução ao Documentário*, propôs a tipologia de documentários configurando em 6 (seis) tipos existentes na produção de uma obra documental audiovisual: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático.

público na busca por uma caminho que corresponda a ideia principal do produto, e não fuja da temática abordada ou acabe por criar na memória coletiva do telespectador, uma imagem deturpada do objeto estudado.

Desse modo, segundo Bill Nichols (2001), entende-se que o trabalho do vídeo-documentário é entregar de forma mais próxima da realidade possível, os fatos coletados sobre um determinado objeto de estudo. E assim compreendendo o impacto que causará a todos os atores envolvidos, como também aos futuros receptores do produto audiovisual, no caso, os telespectadores.

Seguindo neste sentido, os objetivos a partir da produção do video-documentário foi expor e documentar as narrativas que valorizam e constroem a cultura local a partir da religiosidade e de suas múltiplas relações com a cidade. Desse modo, registrou-se a sua formação, o surgimento do Olho D'água, os eventos religiosos que ocorrem, e as histórias de milagres que, a partir da devoção dos fiéis, podem contribuir para o reconhecimento da cidade como um espaço de salvação para muitas pessoas.

Para isso, registramos imagens importantes que constituem não apenas o momento em que a cidade é visitada por milhares de fiéis, como também em seu dia-a-dia, apresentando moradores que vivem em uma das cidades mais sagradas do Nordeste, e convivem diariamente com o poder religioso que o município carrega.

Em um registro com inspiração antropológica, buscamos registrar os locais mais importantes de manifestação religiosa, como o próprio Santuário de Santa Cruz dos Milagres, assim como, da Nova Igreja de Santa Cruz dos Milagres³, a Sala dos Milagres, o Olho D'água, as escadarias do Centro da cidade que levam às igrejas, e também, as ruas, vias, morros, casas, e moradores que vivem suas vidas normalmente ao longo do ano.

Ainda quanto aos objetivos específicos, elencamos: 1) Narrar, através da coleção de imagens, a construção e formação de uma cidade a partir dos relatos de fé e crença sobre uma lenda que fortalece o poder religioso da cidade; 2) Contribuir para o registro, com base no acompanhamento das festividades, de uma cidade que se ergue através do turismo religioso que acontece anualmente ao longo dos eventos que celebram a santidade presente; 3) Refletir a força religiosa que é presente ainda na sociedade, atraindo milhares de fiéis, todos os anos, de diferentes regiões do Brasil e do mundo.

³ O novo templo foi inaugurado em janeiro de 2016, com o início das obras em 2010. O espaço fica a poucos metros do Santuário de Santa Cruz dos Milagres, e tem a capacidade de abrigar até 3,5 mil pessoas no espaço.

Alinhado a esses objetivos, tivemos como motivação inicial o reconhecimento da fé como um grande suporte em nossas vidas, por ser um segmento onde depositamos muitas vezes nossas esperanças, crenças, em busca de um apoio e meio pelo qual se sustentar diante das adversidades da vida. Além disso, o culto ao catolicismo está presente em nossas vidas, assim como de muitos brasileiros.

Promessas que se cumpriram ou que estão sendo cumpridas também preenchem o espaço da motivação inicial deste trabalho, por ser uma representação da fé em alcançarmos nossos objetivos ou de lembrarmos das nossas lutas que seguiremos ao longo da vida.

Este trabalho também buscou entender, de uma forma mais analítica, o potencial da cidade como um dos principais pontos de turismo religioso, estando entre as principais romarias do Nordeste brasileiro, onde movimenta diversos setores existentes na cidade, como o comércio, a multiplicidade de culturas, turistas de várias regiões do país, e também por endossar a força do catolicismo ainda presente na cultura brasileira.

Este relatório foi organizado da seguinte maneira: no capítulo 1, intitulado “Sobre o objeto e as bases teóricas”, abordamos nosso objeto de estudo e a fé que permeia a pequena cidade de Santa Cruz dos Milagres; falamos sobre jornalismo e suas coberturas religiosas, destacamos a importância da história oral enquanto inspiração teórica-metodológica e elencamos outros suportes teóricos que tangenciam nossa pesquisa.

No segundo capítulo intitulado “Vídeo-documentário como produto jornalístico”, buscamos explicar a escolha do formato audiovisual de comunicação como meio de divulgação do presente trabalho, a fim de agregar o potencial imagético que a cidade proporciona com a valorização dos elementos visuais de comunicação e pesquisa para a atualidade.

Já no terceiro capítulo, intitulado “O documentário “Aos pés da Santa Cruz”, apresentamos o percurso de construção do Documentário, elencando elementos da pré-produção, da produção, da relação de entrevistados iniciais e dos finais, bem como dos próximos passos que envolvem o compartilhamento do Documentário. Ao final, apresentamos também as considerações finais, as referências e uma lista de apêndices, onde apresentamos relatos acerca das nossas viagens ao longo do processo de composição do Documentário “Aos pés da Santa Cruz”.

1 SOBRE O OBJETO E AS BASES TEÓRICAS

1.1 A grande fé de uma pequena cidade

Santa Cruz dos Milagres é um município situado no Norte do Piauí, a 180 quilômetros de Teresina, capital do estado. Foi elevada à categoria de cidade em 29 abril de 1992, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022)⁴. Antes da emancipação, Santa Cruz dos Milagres era um povoado do município de Aroazes, distante apenas 52,6 quilômetros. De acordo com o último censo, o município possui 978,547 quilômetros quadrados e uma população de 3.435 habitantes, o que dá uma densidade populacional de 3,51 habitantes por quilômetro quadrado.

A sua formação não possui registro oficial, sendo seu início citado muitas vezes entre o século XVI e XVII. Edilene Gonçalves (2013) aborda, em seu documento denominado “Casa da Torre”, a formação do território piauiense e o deslocamento dos jesuítas no estado, tendo sua história iniciada em fins do século XVII, quando seu território - ainda não muito bem definido - pertencia à Vila de Valença e posteriormente passou ao município de Aroazes-PI. Foi neste mesmo período, em que também conforme Gonçalves (op. cit), os jesuítas começaram o processo de catequização da região. Com isso, a história da cidade se envolveu em uma prática religiosa, visto que o município vem de um aldeamento que ficava sob os cuidados de missionários jesuítas.

Mesmo tendo sua emancipação concreta apenas em 1992, sua cultura religiosa vem bem antes disso. Moradores locais citam a história de um vaqueiro que passeando pelo alto do morro do, então povoado na época, avistou um beato. O beato então disse para que o vaqueiro fizesse uma cruz com os galhos de uma árvore de aroeira. Depois, o beato disse ao vaqueiro que seguisse caminho e que em determinado lugar ele cavasse um buraco para fincar a cruz no chão, afirmado que a água que iria jorrar do poço faria milagres.

O Vaqueiro, mesmo não acreditando, seguiu caminho e bem perto de uma árvore de Aroeira cavou, até achar uma nascente de água. Após isso, ele deixou tanto a água quanto a cruz no local e retornou para casa. Dias se passaram e a filha do vaqueiro ficou doente, sentia uma febre muito forte e ele ficou bastante preocupado. Então, lembrando da fala do beato, o

⁴ Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/santa-cruz-dos-milagres.html>> Acesso em: 11 mar, 2024

vaqueiro levou a filha até a nascente de água para banhá-la. Após o banho, como um milagre, a jovem se curou da doença. A partir disso, o local começou a atrair dezenas de fiéis que buscavam milagres em sua vida. A cruz virou um símbolo de devoção que mostrava o caminho divino. A nascente se tornou o “olho d’água”, um poço foi construído ao seu redor e várias pessoas buscavam a água para, assim como a filha do vaqueiro, se curarem.

Essa história, e outras tantas que ocorreram, inspiraram a construção da Igreja de Santa Cruz dos Milagres. E foi em meio a fé e a devoção que as pessoas foram se aproximando e recorrendo à Santa Cruz, na medida que outros milagres iam ocorrendo, os mesmos iam se popularizando e a fé começou a atrair cada vez mais fiéis para a pequena cidade. Isso levou o Vaticano a reconhecer o Santuário de Santa Cruz, sendo este o primeiro do estado do Piauí, segundo Patrícia de Sousa Santos (2019).

Conforme a Secretaria de Turismo do Piauí (2020) a cidade possui uma das maiores romarias do Nordeste, recebendo mais de 100 mil fiéis por ano, sendo a terceira maior romaria da região, ficando atrás apenas das romarias que ocorrem nas cidades de Juazeiro do Norte e Canindé, ambas localizadas no estado do Ceará. Segundo Silva (2019), Santa Cruz dos Milagres tem três grandes eventos religiosos, sendo eles, respectivamente: a Invenção da Santa Cruz, a Exaltação da Santa Cruz e o Encontro dos Santos. Esses são os momentos de maior concentração de devotos e também de fervor religioso na cidade e cada um deles ocorre em períodos específicos.

A “Invenção da Santa Cruz” acontece entre os dias 1º e 03 de maio. A “Exaltação da Santa Cruz” acontece entre os dias 05 a 14 de setembro. E o principal evento, dentre eles, conhecido popularmente como “Encontro dos Santos”, acontece sempre no segundo domingo de novembro, sendo uma festividade criada na década de 1990 e realizada em conjunto com uma romaria coletiva das paróquias vizinhas direcionadas à cidade de Santa Cruz dos Milagres.

Tal encontro só é possível porque diversas paróquias de outras cidades levam em romaria os seus santos padroeiros, com o objetivo de promover uma maior aproximação através do encontro entre fiéis e seus santos. Tendo a Santa Cruz como a anfitriã da festa que acolhe e abençoa a todos, encerra-se o ciclo festivo em um ritual de confraternização.

Não é possível precisar exatamente quando a cidade se tornou um local de tamanha devoção. No entanto, segundo Patrícia Santos (2020), documentos datados do final do século XVII já contam sobre manifestações religiosas em torno da Santa Cruz dos Milagres. Santos

(2020) também relaciona o surgimento das peregrinações à história do vaqueiro. E o próprio nome da cidade, relaciona-se a cruz milagrosa (figura 1) que encontrou a nascente.



Figura 1: Cruz de madeira de Santa Cruz dos Milagres

Fonte: Pedro Lima, 2024.

Dentre os locais de devoção no município há o “Olho D’água”: um poço de fonte natural de água, cuja importância é reconhecida como sagrada pela comunidade local. Este local (figura 2) é reverenciado por sua conexão com a natureza e a espiritualidade, sendo frequentemente visitado por fiéis em busca de cura, purificação e renovação espiritual.



Figura 2: Olho d’água, em Santa Cruz dos Milagres.

Fonte: Pedro Lima, 2024.

Destaca-se também a grande escadaria da cidade (figura 3), esta conduz os romeiros ao topo da cidade, onde estão situadas ambas as igrejas da cidade e seu santuário. De acordo com Patrícia Santos (2020), a escadaria construída em 1987, contendo 181 degraus, foi construída originalmente pela Prefeitura Municipal de Aroazes, com o intuito de facilitar o acesso dos fiéis ao santuário da cidade, que acabou se tornando um símbolo de separação entre o profano e o sagrado, se conectando também ao aspecto sagrado da cidade.



Figura 3: Escadaria para o Santuário de Santa Cruz dos Milagres
Fonte: Pedro Lima, 2024.

A escadaria também acabou se tornando um ponto comercial de grande atrativo. Em todo o percurso dos 181 degraus, comerciantes se instalaram oferecendo produtos que vão desde os religiosos até os demais objetos. Bem no alto dos morros, no coração da cidade, e no fim da escadaria, foi erguido o Santuário, onde está localizada a igreja matriz. O Santuário é um ponto central de devoção e adoração, especialmente por abrigar a cruz de madeira que, segundo Patrícia Santos (2020), contém 1,50 m de altura e 0,90 de comprimento. Em outubro de 2016, foi inaugurada uma nova igreja-santuário na cidade. Esta construção imponente abrange, segundo a Secretaria de Turismo do Piauí (2020), mais de 4 mil metros quadrados e podendo comportar mais de 3.500 fiéis, simultaneamente (figura 4). Consolidando-se, assim, como o maior templo católico do estado do Piauí.



Figura 4: Estima-se que em 2024 mais de 3 mil fiéis tenham acompanhado a festividade no santuário simultaneamente

Fonte: Pedro Lima, 2024.

De acordo com Edilene Gonçalves (2013), a cidade pode ser definida como um “mundo santificado”. Isso porque, conforme a autora, toda a esfera religiosa do município acaba por transcender aos valores inicialmente propostos. Isso aconteceria porque tanto os moradores quanto os romeiros, participam diretamente dessa relação de fé, onde eles constroem uma realidade santificada. E, tal relação acaba por atrelar a cruz a um imaginário de “personificação”.

Neste ponto, o simbolismo da cruz começa a seguir outro rumo, ganhando um status humanoide, a partir do entendimento que, assim como as figuras de homens e mulheres santificados, a cruz passa pelo processo de canonização, sendo referenciado como a própria santa, a quem se deve orar. Teixeira (2011) explica que esse processo de canonização é um recurso jurídico utilizado para reconhecimento oficial da santidade, possuindo na lista, figuras importantes que foram tornadas santas, a partir de um milagre ligado a elas.

Na história da Santa Cruz dos Milagres, estaria o objeto interligado à cura da filha de um vaqueiro, ao estar plantada em um olho d'água no meio de um matagal seco e quente na cidade. Portanto, ela deixa de ser apenas um simples objeto de madeira e transcende, pondo-se como a “Cruz dos milagres”, “a conselheira”, “mãe”, “pai” e até mesmo “amiga de seus fieis”, transformando-se assim, no principal elo desta relação de fé dos moradores.

1.2 Jornalismo e as coberturas religiosas

A compreensão da informação como um elemento essencial para o processo de formação do indivíduo vai além da simples absorção de dados. Ela se constrói, na verdade, a partir da interação com o outro e com o ambiente ao redor. Longhi (2015) afirma que podemos entender a informação como uma “constituição” própria, mas que, ainda assim, se cria ou se desenvolve na relação direta com alguém ou algo. E é justamente essa dinâmica que transforma a informação em um fator educativo fundamental no processo de aprendizagem.

Essa compreensão se torna importante, visto que, segundo Cunha (2016), ao produzir uma notícia, um jornalista traz consigo a sua visão de mundo. Ou seja, tudo o que este indivíduo construiu em suas experiências e vivências em sociedade, como as interações na família, na escola e nos círculos de convivência. Ao construir uma notícia, o jornalista tem com ele o imaginário em torno da questão que a motiva, do fato que a provoca, do tema que a remete. Essa questão, segundo Cunha (2016), impacta diretamente sobre suas mediações, especificamente quando relacionadas à informações de fenômenos religiosos. Segundo ele, “no que diz respeito à religião, uma coleção de significações sociais determina o conhecimento e a visão de mundo de cada pessoa. Um jornalista, como qualquer outro membro da sociedade, experimenta este processo” (Cunha, 2016, p. 6).

Dentro desse contexto, podemos entender que a ligação entre religião e jornalismo, necessita de uma mediação altamente cautelosa. Santana (2014), diz que cabe ao profissional jornalista, que trabalha com a mediação direta de fenômenos religiosos, seguir as regras éticas estabelecidas no código jornalístico. O autor destaca ainda a necessidade de compreensão sobre a discriminação religiosa que não pode ser praticada. Isso se destaca ainda mais pois, segundo a autora, a religião no Brasil têm um processo contrário ao restante do mundo, o de crescimento:

As pessoas continuam propagando a fé em Deus. Aliás, no Brasil, a religião cresce, ao contrário do que acontece em países europeus e nos Estados Unidos, onde, além das pessoas mudarem de religião e do foco da fé, templos são fechados e livrarias, cervejarias e boates são abertas em locais onde anteriormente fora igrejas. Haja visto os exemplos: na cidade de Maastricht, na Holanda, uma livraria – chamada de Polare Maastricht, faz sucesso entre leitores, ocupa hoje o espaço do que outrora fora um templo (Santana, 2014, p. 22).

Segundo Hoover (2015), a religião e as mídias estão convergindo no popular, no entretenimento e até em novas culturas. Segundo o autor, mesmo com críticas que afirmam que deve haver alguma contradição necessária entre religião, considerada “antiga”, e as mídias, tidas como “modernas”, existe sim uma relação completa e passada, entre as relações de religião e as mídias que eram frequentemente entendidas dentro de certas fronteiras.

As características das mídias tornam-nas particularmente acessíveis a tal papel. Das mídias provêm rico simbolismo, cultura visual, contextos e práticas mais relevantes de participação social e identidade, e oportunidades de fazer e refazer identidades e relacionamentos sociais para ajustar padrões de ideias e de ação em evolução. As mídias são, ademais, a fonte dominante e definitiva do que é social e culturalmente importante na modernidade (Hoover, 2015, p. 51).

Assim, conforme Hoover (2015), a relação entre religião e mídias, longe de ser uma contradição, representa uma interconexão profunda, em que as mídias, com sua capacidade de criar e refazer identidades e relacionamentos sociais, tornam-se uma plataforma essencial para as práticas religiosas na contemporaneidade. Ao se alinharem nos contextos simbólicos e culturais proporcionados pelas mídias, as religiões podem se adaptar e se reinventar, interagindo de maneira mais próxima com os padrões de ideias e de ação em constante evolução na sociedade moderna.

Neste sentido, em um mundo santificado, a oralidade surge também como uma forma de manter viva uma história e tradição que vão muito além do tempo. É por meio dos relatos que compreendemos o quanto a oralidade é mais do que contar histórias: é manter viva uma herança que atravessa gerações e molda o modo como a cidade se reconhece.

1.3 A História oral como inspiração teórica-metodológica

Alberti (2006, p.155) destaca que, “a história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’, e dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”. Nesse ponto, importa dizer que outro personagem que é um registro vivo de histórias e vivências é Seu Thomas. Ele conta sobre as águas daquela região, como um anjo canta sobre o divino.

Lembrando que a história oral, segundo Oliveira Alves (2016), caracteriza-se como uma metodologia de pesquisa que busca ouvir e incorporar as vozes dos sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los dentro dela, percebemos como os relatos passam a incorporar um peso documental ao compreender a importância de histórias contadas pelos próprios moradores da cidade. Sendo corroborada pelo subjetivismo e protagonismo de personagens, o método ganha força como alicerce na construção da memória social, importante ferramenta para a inteligibilidade do passado construído.

Para Cassab e Ruscheinsky (2004), a História Oral propõe um modelo de pesquisa voltada para o conhecimento de determinados aspectos da realidade, como os padrões culturais, estruturas sociais, processos históricos e, tão importante nesse trabalho, os laços do cotidiano, que são peças fundamentais para a compreensão da cultura religiosa que domina a cidade de Santa Cruz dos Milagres.

Sendo assim, as histórias de fé, não apenas se configuram como lendas repassadas por gerações, mas também como documentos e registros de um determinado período e fato histórico formado a partir de relatos. Mundim e seu Thomas, são alguns dos personagens que, através da pesquisa, ganham protagonismo quando evocam sentimentos e resgatam a memória histórica sobre a “lenda do vaqueiro” (Cassab e Ruscheinsky, 2004).

Vale ainda ressaltar que, ao utilizar a história oral como meio pelo qual formula-se um trabalho científico, o entrevistado não apenas ganha um destaque na participação da história como também detém o poder de construir a narrativa na qual dispõe (Le Vem et al, 1997, p.220). Portanto, o sujeito entrevistado vê-se, mesmo que inconscientemente, como um ator social e criador da história e pode, a partir disso, reformular sua identidade ao que antes era visto apenas como um agente passivo do registrado.

1.4 Outros aportes teóricos

O presente trabalho ainda se baseia também na compreensão do poder imagético que o vídeo documentário proporciona em relação ao acervo de imagens e relatos documentados. Além disso, relaciona-se com os impactos e os resultados obtidos a partir da exposição e da narração das histórias registradas, a partir das imagens que foram coletadas, editadas e construídas acerca da história a ser transmitida.

Desse modo, é necessário o entendimento dos formatos e tipos de produtos que são adequados para a construção de uma obra que possa repassar ao público a história da cidade, personagens e ambientes de forma mais próxima da realidade experienciada em pesquisa.

O poder que um produto audiovisual comunicacional possui, ultrapassa o sentido original quando apenas relatado de forma aparte sem envolvimento dos produtores da obra, ou tirado de seu contexto sob uma ótica distorcida. Quanto a esse ponto, Nichols (2001) afirma que é necessário um aviso sobre os resultados que serão gerados em torno do trabalho produzido, ao pôr em evidência o consentimento informado, com ênfase nos estudos antropológicos embasados na sociologia sobre o objeto específico a ser estudado. Nesse caso, em relação a criação de um produto audiovisual jornalístico sobre a cidade de Santa Cruz dos Milagres, levar-se-á em consideração sua historicidade, costumes, fé e sociedade existente, considerando também os grupos de massa, que nele coexistem.

Neste sentido, entendemos que, a partir da afirmação desse autor, o documentário é responsável por trazer ao holofote, questões oportunas para sociedade, em uma tentativa de acender debates e discussões em torno do objeto exposto. Para que, em um futuro, possa ter um direcionamento da solução de uma problemática, ou como neste caso apresentado, contribuir para uma maior formação sólida da identidade e cultura da fé da cidade de Santa Cruz dos Milagres.

Mas para chegar ao resultado final com a exibição e distribuição da obra, faz-se necessário compreender o processo anterior que corresponde, desde as escolhas de tarefas, até a manipulação do produto bruto.

Sérgio José Puccini Soares (2007) destaca que o roteiro, em obras documentárias, ao contrário das obras ficcionais do cinema, não é o foco principal no início da produção, enfatizando que as escolhas, que muitas vezes se configuram como imprevisíveis, e até mesmo momentâneas, molduram a obra.

Campos (1996) defende que o produto iconográfico toma forma a partir do acompanhamento da lente de uma câmera para com o objeto de estudo que irá ser representado, em uma história através das imagens.

A comunicação visual ganha força, como um importante apoio na confirmação dos fatos narrados, somando a um produto multifacetado em recursos que estimulam e captam a atenção do público à obra em exibição.

Campos (1996) ainda ressalta que, a fotografia, o filme e o vídeo vem ganhando mais forças, por compactuar com o trabalho antropológico, dispondo da observação - importante propulsor em trabalhos comunicacionais - para obtenção do resultado esperado. A partir da observação, coleção de imagens, é possível uma convergência de olhares, que somadas constituem o objeto em estudo.

Desse modo, entende-se, a partir da análise destes dois autores, que o trabalho no modelo antropológico e visual, se destacam como um meio positivo na construção de um documentário, ao conferir o caráter observativo na coleta das informações principais, como também na elaboração e conjunção de elementos visuais ao longo do produto.

A comunicação audiovisual ganha seu escopo como também reforça por parte do objeto de estudo ao entender a força imagética e iconográfica que a própria religião católica possui. Mesmo na terceira década do século XXI, com expansão da globalização e ascensão do capitalismo a níveis maiores, a busca por instituições religiosas e grupos de devotos também vem crescendo.

É evidente que, dentro deste quadro ideológico, a religião não poderia ter emergido como fenômeno significativo e digno de ser estudado. Tudo contribuía para que fosse identificado com as forças mais reacionárias do país – e é provável que assim tenha sido. Num momento em que a tarefa urgente era preparar o caminho para o futuro, a preocupação com a religião só poderia significar um desperdício fútil das forças da ciência, tão débeis naquele momento. Especialmente quando se leva em conta que se pressupunha que o modo religioso de pensar estava condenado ao desaparecimento pela expansão da ciência [...] A religião ficou reclusa nas instituições eclesiásticas, e a Universidade praticamente se calou sobre ela, voltando suas atenções para os assuntos que julgava dignos de serem investigados. (Rubem, 2019, p.68)

Rubem A. Alves (2019) então constrói sua narrativa a partir do pensamento de que, a religião está emaranhada na sociedade brasileira, tal qual uma força potente que encaminha as massas, grupos e bolhas, sendo assim um importante campo a ser estudado e documentado.

2 VÍDEO-DOCUMENTÁRIO COMO PRODUTO JORNALÍSTICO

O desenvolvimento dos meios audiovisuais ao longo do século XX gerou uma série de transformações nos formatos e nas formas de narrativa visual. Nesse contexto, o cinema desempenhou um papel fundamental na criação de novos gêneros. Entre esses gêneros, destaca-se o documentário.

Segundo Jorge Pedro Sousa (2008), o surgimento do cinema no início do Século XX contribuiu para a criação do que se tornaria então um novo gênero audiovisual, conhecido como “documental de comentário”, ou como conhecemos de apenas, documentário, (Sousa, 2008, p. 232). Este gênero, conforme o autor, ganhou muita força com a chegada do cinema em cores, tornando-se assim mais credível e usual entre os anos de 1935 e 1940. Segundo Sousa (2008), este gênero fez tamanho sucesso, que acabou se tornando o antecessor - ou inspirador - para o que seria as chamadas “reportagens televisivas” e também aos documentários como conhecemos hoje.

Pode dizer-se que o paradigma de reportagem visual dos cinejornais (combinação significante de planos fixos e de movimento) e, mais tarde, audiovisual (com adicionamento do texto-off, efeitos sonoros e música) influenciou o modelo de reportagem telejornalística, tanto quanto os primeiros documentários cinematográficos influenciaram os actuais documentários cinematográficos e televisivos. A própria organização das redacções televisivas foi influenciada pelo modelo usado nas organizações cinejornalísticas (Sousa, 2008, p. 232).

Os documentários audiovisuais são um gênero, que, de acordo com Melo (2002) não podem ser definidos a partir de determinados aspectos ou tipos textuais como narração, descrição, dissertação etc. No entanto, mesmo sem uma definição por si só, o autor destaca que a identificação de um documentário é algo que se torna inerte dentro do público. Ou seja, a produção de um documentário vai muito além de conceitos pré-definidos e mesmo assim é facilmente identificável pelo público. Além disso, ainda de acordo com Melo (2002), o documentário em muitos momentos é feito de aspectos ficcionais.

Mesmo com esses aspectos ficcionais, que muitas vezes se confundem com a realidade, podemos sim transformar um documentário em um produto jornalístico. Segundo Teixeira, Melo e Morais (2001) o documentário pode ser definido como um gênero jornalístico autoral, que, no entanto, ao contrário do trabalho jornalístico voltado para a

produção de notícias e reportagens rotineiras e cotidianas, o documentário precisa de um maior tempo de elaboração. Sendo este um envolvimento exclusivo e completo dos profissionais que trabalham em sua produção. Ainda segundo os autores (2001), o documentário, diferentemente de outros gêneros jornalísticos, como a notícia e a reportagem, não necessita da presença de um repórter, ou narrador, no qual a função é relatar os acontecimentos para o público.

Com isso, para a categorização do documentário como um gênero jornalístico, outras perspectivas devem ser consideradas, entre elas, o código de ética do jornalismo e o trabalho jornalístico como um todo. Segundo Reginato (2016) o campo jornalístico tem, em seus três séculos de existência, como principal finalidade, informar.

Ribeiro (2023) diz que embora a objetividade e imparcialidade estejam, no senso comum, principalmente nos documentários, em alguma medida, o documentário é uma construção, ainda que, de uma determinada realidade, trazendo um recorte com base no tema a ser abordado. Assim, devemos ter uma precaução desde o início de sua construção com as mensagens que podem ser passadas e perpetuadas com base no que é produzido na obra.

2.1 Princípios éticos do documentário audiovisual

O trabalho de informar através de um documentário, segundo Bill Nichols (2001), transpõe não apenas a exposição de cenários, personagens e conteúdo em telas, mas sim, em se dedicar em transmitir as impressões autênticas do objeto a ser exibido. Dessa forma, o produto audiovisual jornalístico ganha forma através do método a ser aplicado, que possui a finalidade de converter em telas as sensações reais ou mais próximas da realidade do objeto exibido, com uso de artifícios que corroboram as impressões e conecta o telespectador para dentro do mundo transmitido pelo documentário.

Nichols (2001) explica que o uso das imagens, como poder de difusão de um pensamento, costume, tradições e estética de uma comunidade, tem forte influência, não apenas em como o telespectador interpreta, mas como também, os atores participantes - como podemos chamar os personagens que integram ao tema do documentário produzido - reconhecem como são percebidos por terceiros.

Uma vez que as imagens tenham sido selecionadas e dispostas em padrões ou sequências, em cenas ou em filmes inteiros, a interpretação e o significado do que vemos vão depender de muitos outros fatores além da

questão de a imagem ser uma representação fiel do que apareceu diante da câmera. (Nichols, 2001, p. 20).

Desse modo, entende-se que o trabalho do documentário entrega um impacto subjetivo a todos os atores envolvidos, como também aos futuros receptores do produto audiovisual, no caso, os telespectadores. O poder que um produto audiovisual comunicacional possui, ultrapassa o sentido original quando apenas relatado de forma aparte sem envolvimento dos produtores da obra, ou tirado de seu contexto sob uma ótica distorcida. Para isso, Nichols (2001) afirma que é necessário um aviso sobre os resultados que serão gerados em torno do trabalho produzido ao pôr em evidência o consentimento informado, com ênfase nos estudos antropológicos embasados na sociologia sobre o objeto específico a ser estudado.

Não obstante, a utilização de formato audiovisual, em um documentário que registra as imagens da comunidade em sua rotina, demonstra, não apenas, um meio para atingir sua finalidade, como também, reforçar a sua identidade através do poder de memória popular, com base na apresentação de imagens que corroboram para uma maior fixação e compreensão do objeto em análise.

Os documentários, de acordo com Nichols (2001), possuem a capacidade de intervir sobre um determinado assunto através da conquista e influência de opiniões moldadas mediante a forma de exibição do objeto. Já o caráter expositivo, reúne a dramatização utilizada comumente em obras de ficção, com apresentação de uma realidade a partir de relatos verídicos, através de um método que consiga transpor ao telespectador para o mundo, o que os personagens vivem e convivem.

3 - O DOCUMENTÁRIO “AOS PÉS DA SANTA CRUZ”

3.1 Da Pré-produção a pós-produção

Para a realização deste documentário, utilizamos equipamentos acessíveis e versáteis, que permitiram captar com sensibilidade os registros visuais e sonoros das entrevistas e paisagens de Santa Cruz dos Milagres. As imagens foram gravadas com uma câmera Canon EOS Rebel T7, um smartphone Moto E7 (modelo 2020) e um iPhone 11, combinando diferentes níveis de resolução e mobilidade. Para a captação de áudio, além dos microfones embutidos nos dispositivos, utilizamos um mini microfone condensador de lapela com plug P2, especialmente nas entrevistas, buscando maior nitidez nas falas dos participantes.

Todos os equipamentos utilizados são de entrada, o que resultou em algumas limitações técnicas percebidas no produto final, como distorções de imagem, leves desfoques e ruídos em alguns trechos do áudio. A edição final foi realizada com o auxílio de um tablet modelo M7, o que também exigiu adaptações no processo de produção.

Utilizamos os aplicativos Clipchamp e CapCut para a montagem do documentário. Embora não sejam softwares profissionais, essas ferramentas foram fundamentais para a organização do material audiovisual, possibilitando a separação de áudio e vídeo, a sincronização entre som e imagem, a remoção de ruídos e a edição completa do documentário. A escolha por esses programas se deu pela sua acessibilidade e interface intuitiva, facilitando a edição mesmo com recursos limitados.

Inicialmente, o Clipchamp foi utilizado para sincronizar os áudios das entrevistas com as imagens correspondentes. Essa etapa foi realizada nos computadores da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Após essa montagem inicial, os arquivos foram transferidos para um drive, processo que comprometeu parcialmente a qualidade de algumas imagens. Em seguida, a edição foi continuada no aplicativo CapCut, onde foram inseridas as trilhas sonoras (gratuitas e de uso livre), organizadas as entrevistas, realizados cortes necessários e adicionados os offs que conectam as diferentes partes do documentário.

Os offs foram gravados com o microfone de lapela, mas parte da qualidade original foi comprometida durante a edição. Isso ocorreu devido à aplicação automática de um sistema de inteligência artificial para remoção de ruídos, o que acabou "robotizando" algumas falas — tanto dos offs quanto de alguns personagens. Buscamos suavizar essas distorções sonoras com o uso cuidadoso da trilha de fundo, amenizando o impacto na experiência do espectador.

3.2 Ainda sobre a produção: entrevistados

LISTA DE PERSONAGENS/ENTREVISTADOS			
NOME	IDADE	CIDADE DO ENCONTRO	DESCRIÇÃO
Raimundo José da Silva (“Mundim Macaco”)	78 anos (até a realização deste TCC)	Santa Cruz dos Milagres	Um dos moradores mais antigos da cidade. Mora com a esposa, dois filhos adultos e um neto. Contou sobre a sua história de vida, a formação da cidade e a lenda do vaqueiro, o qual acredita plamente.
Cosme Pereira da Silva	42 (até a realização deste TCC)	Santa Cruz dos Milagres	Funcionário do Santuário de Santa Cruz dos Milagres, trabalha como vigia do Olho D’água da cidade e conta como é o dia-a-dia no local com os moradores indo ao poço (como é também chamado) para buscar a água milagreira
Maria das Dores	73 (até a realização deste TCC)	Santa Cruz dos Milagres	Moradora da cidade, que encontramos enquanto andávamos pelas ruas da cidade. Ela mora em uma casa com três idosos, e conta sobre as mudanças da cidade que, mesmo assim, permanece igual ao mesmo tempo. Na conversa também destacou sobre a quantidade de cruzes espalhadas pela cidade
“Branco”	==	Santa Cruz dos Milagres	Dono de um bar que possui uma cruz

			centenária fincada em seu estabelecimento, que fica em frente ao Olho D'água. Ele conta que o objeto foi posto no local para que as pessoas pudessem localizar o poço. Ele afirma que a cruz já existe desde a época do seu sogro. Falou sobre a multidão que a cidade concentra durante os eventos
Manoel (“Seu Mano”)	56 (até a realização deste TCC)	Santa Cruz dos Milagres e Altos	Natural de Altos, visitava a cidade depois de muito tempo sem retornar e voltou para agradecer pelas coisas boas que aconteceram em sua vida. Ele conta que suas promessas já estavam pagas.
Maria Silva	54 (até a realização deste TCC)	Santa Cruz dos Milagres	Fiel que apareceu durante a gravação da entrevista com o Seu Mano, e contou sobre a promessa do neto, que fraturou a perna após um acidente de moto, e fez uma promessa ao neto, na qual, caso se realizasse, o neto entraria na igreja de Santa Cruz de joelhos e doaria uma quantia em dinheiro para a Santa.
Maysa e tia	11 e 37 anos (até a realização deste TCC)	Santa Cruz dos Milagres	Maysa é uma menina que sofre de febre reumática e sua tia levou ela para que pedisse um milagre a santa. A mãe não pode ir pois, no dia da viagem à cidade,

			recebeu o resultado dos exames da filha que mostravam que a doença estava se agravando e, por isso, não tinham forças para viajar junto.
Thomas	65 anos (até a realização deste TCC)	Santa Cruz dos Milagres	Um dos moradores mais antigo. Era de Valência, mas que, devido a busca por emprego, se mudou para Santa Cruz dos Milagres. Conta a história do milagre e fala sobre fé.
José Ribamar Soares (“Zé Dionísio”) e Ismael Soares	70 e 28 anos	Nazária	Zé Dionísio, é morador de Nazária. Aprendeu a devoção à Santa Cruz com o pai. Cresceu vendo a fé como caminho, amparo e resposta. Anos depois, quando o próprio filho, Ismael, enfrentou graves problemas de saúde, foi à cruz que recorreu — pedindo, orando, confiando. A graça veio, e a promessa, feita de joelhos, passou a ser cumprida em passos. Hoje, é Ismael quem carrega a fé adiante, certo de que foi salvo por um milagre.
José Maria	---	Santa Cruz dos Milagres	Morador da região de Santa Cruz dos Milagres, Seu José conheceu a devoção à Santa ainda no Maranhão, onde nasceu. Mas foi apenas anos depois, já jovem,

			que sua fé se firmou de vez — no momento em que sobreviveu a uma picada de cobra, livramento que ele atribui à intercessão da Santa Cruz. Desde então, cultiva uma fé silenciosa, mas profunda, enraizada na experiência do milagre vivido.
--	--	--	---

Durante o processo de construção deste documentário, diversas entrevistas foram realizadas, mas apenas sete foram incorporadas à versão final. Sendo elas: Cosme, Manoel Mano, Mundinho, Thomas, Zé Dionísio, Ismael e seu José Maria.

Thomas, por sua vez, se manteve desde o início como um pilar importante da narrativa. Sua participação trouxe solidez à proposta e contribuiu de forma significativa para a construção do olhar que desejávamos apresentar.

Já Cosme manteve seu papel como fiel e funcionário do Santuário, contribuindo com uma espécie de “narrativa oficial” da instituição. Ao mesmo tempo, ele também enriqueceu a narrativa oral do vaqueiro, conectando a tradição popular e as "diversas visões de uma mesma história".

Infelizmente, algumas gravações importantes foram perdidas devido a problemas técnicos, como o corrompimento de áudios. É o caso das entrevistas com Dona Maria do Carmo, Maysa e Lia. Esse corrompimento de áudios, levou-nos a decidir por um novo direcionamento narrativo adotado ao longo da produção. Seu Branco, que se encaixava na proposta inicial, também teve seu material comprometido após a falha de nosso único cartão de memória.

O material de Seu Manoel Mano foi perdido inicialmente, mas conseguimos reencontrá-lo para uma nova entrevista. Desde o começo, ele se mostrou um personagem promissor, e sua presença solidificou o trabalho. Por isso, todo o esforço para garantir sua participação foi não apenas necessário, mas recompensadora.

Parte do material de Mundinho também foi afetada por essas perdas, mas conseguimos recuperar trechos valiosos que se encaixaram bem na proposta final. Além disso, sua presença

foi considerada essencial para representar a fala local — a visão de quem vive a religiosidade no cotidiano da cidade sagrada.

Em meio às perdas, a presença de Zé Dionísio e Ismael se tornaram essenciais para a continuidade do projeto. Suas participações não apenas enriqueceram a narrativa com mais um milagre, como também possibilitaram abordar a passagem da fé entre as gerações — um dos pontos-chave que desejávamos explorar, colocando a oralidade como ponto central de nosso trabalho.

3.3 Próximos passos: compartilhando o documentário

Desejamos exibi-lo aos próprios personagens que dele participaram. Afinal, este documentário nasce, acima de tudo, do desejo de devolver à comunidade a sabedoria que generosamente nos foi compartilhada. Trata-se de uma forma de reconhecimento, agradecimento e reafirmação do valor das histórias, memórias e experiências que nos foram confiadas.

Além disso, pretendemos realizar algumas adaptações para exibições públicas, pós Defesa de TCC, ampliando o alcance do Documentário. Já incluímos em nossa rota o povoado Vista Alegre, no município de Altos-PI, o município de Nazária e, naturalmente, a cidade de Santa Cruz dos Milagres. Nesta última, fomos convidados a participar do evento “Cine na Praça”, que ocorre mensalmente e reúne moradores da região. Nossa intenção é apresentar o documentário aos familiares dos entrevistados, aos próprios participantes e à comunidade em geral.

Em Nazária-PI, recebemos o convite de uma liderança comunitária para exibir o trabalho na igreja frequentada por seu Dionísio, um dos personagens do documentário. Já no povoado Vista Alegre, na cidade de Altos-PI, planejamos realizar a exibição em um restaurante localizado às margens da BR, pertencente à irmã de seu Mano — outro importante personagem da narrativa. Cada uma dessas exibições foi pensada como um gesto de devolutiva, fortalecimento dos laços comunitários e valorização da memória coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início, entendemos que contar essas histórias exigiria mais do que técnica ou planejamento: exigiria tempo, cuidado e humildade. Em cada rosto que nos acolheu, em cada palavra confiada à câmera, encontramos um gesto de generosidade que nos atravessou. Esse documentário é, acima de tudo, um agradecimento — e também um compromisso.

Escolhemos não apenas documentar, mas também devolver. Devolver as histórias às mãos de quem as viveu. Reafirmar que memória não é só passado: é permanência, é presença viva. A palavra que se diz, a fé que se pratica, o silêncio que se respeita — tudo isso compõe uma história maior, que pertence ao povo, à comunidade, aos que vieram antes e aos que ainda virão.

Como já cantaram os Racionais "cada lugar, uma sentença" — e nós escolhemos escrever a nossa com escuta, cuidado e verdade. Em tempos em que tantas vozes são silenciadas, reafirmar o direito de contar e de ser contado é também uma forma de resistência. É dizer que cada pessoa, cada memória, cada gesto de fé tem valor e merece ser lembrado.

Acreditamos que narrar essas histórias é um modo de proteger o que não pode ser apagado. É declarar que há força na simplicidade dos detalhes, na força da oralidade, na permanência daquilo que não cabe nos arquivos oficiais. E que cada território tem sua própria linguagem, sua forma de celebrar, de sofrer, e de seguir.

Este trabalho é, portanto, uma tentativa de honrar o que nos foi confiado. Um esforço por manter acesa a chama daquilo que não pode ser esquecido. Mais que um ponto final, ele é uma vírgula: um convite à continuidade, à escuta atenta, ao reencontro com as raízes que sustentam nossa história comum.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006. p.155-202.

ALVES, M. C. S. O. . A Importância da História Oral como Metodologia de Pesquisa. In: IV Semana de História do Pontal / III Encontro de Ensino de História, 2016, Ituiutaba-MG. Anais eletrônicos da IV Semana de História do Pontal / III Encontro de Ensino de História, 2016. Disponível em: <https://eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf>. Acesso em: 21 abri 2025.

CAMPOS, Sandra Maria C. T. Lacerda. **A imagem como método de pesquisa antropológica: Um Ensaio de Antropologia Visual**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Brasil, n. 6, p. 275–286, 2024.

CASSAB, L. A., RUSCHEINSKY,, A. (2007). Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. BIBLOS - Revista Do Instituto De Ciências Humanas e da Informação, 16, 7–24. Disponível em:Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral | BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação Acesso em: 02 abr 2025.

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ, Secretaria do Turismo. **Santa Cruz dos Milagres**. 2020. Disponível em: <<https://turismo.pi.gov.br/turismo-piaui/santa-cruz-dos-milagres/>> . Acesso em: 11 mar. 2024.

HOOVER, Stewart. **Mídia e Religião: Premissas e Implicações Para os Campos Acadêmico e Midiático**. Comunicação & Sociedade, v. 35, n. 2, p. 41–68, 4 jun. 2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.**Santa Cruz dos Milagres (PI)** .2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/santa-cruz-dos-milagres.html>> . Acesso em: 11 mar. 2024.

LE VEM, Michel Marie et al. História oral de vida: o instante da entrevista. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes, (org.). Os Desafios contemporâneos de história oral - 1996. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

LONGHI, Carla Reis. **Informação Jornalística: da Mediação à Midiatização**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 38, n. 2, p. 185–206, dez. 2015.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**. São Paulo.Unimarco Editora, 1995.

MELO, Cristina Teixeira Vieira De. **O documentário como gênero audiovisual.** Comunicação & Informação, v. 5, n. 1/2, p. 25–40, 2002.

MELO, Cristiane Teixeira V. de; MORAIS, Wilmar; Gomes, Isaltina Mello. **O Documentário Jornalístico, Gênero Essencialmente Autoral.** XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, INTERCOM 2001. Disponível em: <<https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363898082664337.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2024.

NASCIMENTO CUNHA, Magali. **Religião no noticiário: marcas de um imaginário exclusivista no jornalismo brasileiro.** E-Compós, v. 19, n. 1, 27 abr. 2016.

NASCIMENTO DIAS, Edilene Gonçalves do. **O espaço sagrado de Santa Cruz dos Milagres.** Tese (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 2013.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Tradução: Mônica Saddy Martins - Campinas, SP: Papirus, 2005 (Coleção Campo Imagético)

PAIVA, Rubem A. Alves. **A volta do sagrado: os caminhos da sociologia da religião no Brasil** (2019). Primeiros Estudos, São Paulo, Brasil, v. 9, n. 9, p. 63–94, 2019.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo : o que dizem veículos, jornalistas e leitores.** Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2020.

RIBEIRO, Carlos Eduardo da Silva. **Potências e atualizações do documentário Militante em Martírio (2016).** Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2023.

SANTANA, Denise. **Jornalismo, religião e ética: abordagem jornalística a religião em telejornais brasileiros no século XXI.** Dissertação (mestrado) - Escola Superior de Teologia. Mestrado em teologia. São Leopoldo. 2014.

SANTOS, Patrícia de Sousa. **Comemorando a Bendita Santa: experiências religiosas e práticas festivas na devoção à Santa Cruz dos Milagres - Piauí (1968 -1990).** Tese (Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2020.

SILVA, Kaíse Canuto da. **Nos passos do peregrino: Turismo e religiosidade em Santa Cruz dos Milagres (PI).** 2019. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Turismo. Natal, RN, 2019.

SOARES, Sérgio José Puccini. **Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção a pós-produção.** 2007. 250p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente.** Porto: Universidade Fernando Pessoa/Centro de Investigação Media & Jornalismo. In: <<https://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>>. Acessado em 15 mar 2024.

TEIXEIRA, Igor Salomão. **Hagiografia e processo de canonização: A construção do tempo de santidade de São Tomás de Aquino (1274-1323).** Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, p. 18, 2011.

APÊNDICES

(Diários de bordo das viagens de preparação do Documentário)

Apêndice 1: Viagem à Santa Cruz dos Milagres

1) Primeiro dia (5 de novembro de 2024)

Partimos em direção a Santa Cruz dos Milagres no começo da tarde, carregando na bagagem uma mistura de cansaço, esperança e aquela inquietude que só quem vai em busca de algo verdadeiro conhece. A estrada se estendia longa e silenciosa, entre paradas rápidas e olhares furtivos, enquanto o sol começava a descer preguiçoso no horizonte. Chegamos por volta das seis, cansados, com o coração acelerado pela expectativa do que nos aguardava.

Nosso abrigo seria uma casa simples — um espaço vazio, sem mobília, sem reboco, sem piso. Era um lugar onde o tempo parecia ter parado, onde o silêncio gritava. Mas era nosso único refúgio, de graça, perto de tudo, ainda que custasse a saúde e exigisse resistência. Ali nos “acomodamos”, com a certeza de que aquele chão, mesmo nu, guardava promessas.

Mal deixamos o abrigo, fomos atraídos pela força da cidade, pelo pulsar daquela fé que parecia brotar do solo. Fomos direto ao Novo Santuário da Igreja de Santa Cruz dos Milagres, a “Nova Igreja” que se ergue majestosa no alto da colina. Seus vitrais nos contaram histórias silenciosas, onde todas as figuras — Jesus inclusive — tinham pele negra e cabelos crespos, refletindo uma ancestralidade viva e potente. Cada banco carregava um nome — marcas humanas de esperança, suor e solidariedade — nomes de quem construiu aquele santuário de fé e sonho.

Subimos até o topo da colina e o vento parecia sussurrar histórias antigas. A igreja velha, modesta em tamanho, mas vasta em significado, guardava no centro do altar uma cruz sagrada que parecia pulsar com a força das orações silenciosas de gerações. Ao lado, um pequeno poço com uma santa, rodeado por uma ponte frágil, convidava os fiéis a atravessar para tocar o sagrado. Sua história era um enigma, um mistério tecido em lendas e suspiros, sem registro ou confirmação.

Descemos pela escadaria quase vazia, apenas algumas lanchonetes resistindo ao abandono e ao tempo. O ar carregava o cheiro da terra e da esperança. Chegamos ao olho d’água sagrado, poço que nascia de uma fonte pura e guardado pela igreja. Estava fechado,

guardando sua água e seus segredos para outra hora, deixando no ar um silêncio quase reverente.

A cidade, pequena e silenciosa, parecia respirar devagar, quase em oração. Encontrávamos poucas almas pelas ruas, e conforme o crepúsculo se aprofundava, o vazio crescia, envolvendo tudo numa quietude misteriosa, quase mágica.

Voltamos à escadaria e nos refugiamos numa lanchonete simples, onde, entre goles e planos, sentíamos o peso e a beleza da jornada que apenas começava. Ao final do dia, retornamos ao nosso abrigo despojado, mas com o coração pulsando forte, cheio de emoções, prontos para o que viria.

2) Segundo dia (6 de novembro de 2024)

No nosso segundo dia, quarta-feira, 6 de novembro de 2024, tivemos o privilégio de encontrar o senhor Raimundo José da Silva, carinhosamente conhecido como “Mundim Macaco”. Aos 78 anos, ele é um dos moradores mais antigos e emblemáticos da cidade de Santa Cruz dos Milagres, um verdadeiro guardião das memórias e da alma daquele lugar. Para encontrá-lo, tivemos que seguir o caminho das histórias, perguntando aos moradores, escutando suas vozes cheias de respeito e afeto, até que, guiados por essas memórias vivas, chegamos finalmente à sua casa.

A casa de Mundim ainda sem reboco, humilde e simples, era cheia de vida — morava ali com ele a esposa, dois filhos adultos e um neto, todos entrelaçados pela força das raízes daquela terra seca, mas, como ele mesmo diria, rica em valores que dinheiro algum pode comprar. Ao ouvirmos sua história, sentimos o peso e a beleza de uma vida simples, porém repleta de contos que carregam o espírito da cidade. Mundim, com seu sorriso aberto e olhar brilhante, falou de Santa Cruz dos Milagres com um misto de orgulho e esperança. Contou-nos que, apesar da aridez da terra, ela transborda bênçãos invisíveis — riquezas que nem ouro nem fortuna conseguem alcançar.

Mas ele também foi direto: o dinheiro, sim, faz diferença. A cidade cresceu e se tornou grande pela devoção à Santa, que, como ele disse, “não come, não gasta”. E, no entanto, a igreja — ou o padre que a conduz — deveria retribuir ao povo, aquele povo tão devoto e cheio de fé. Durante a entrevista, Mundim nos presenteou com um poço de alegria e sabedoria. Suas histórias enchiham nosso coração, mesmo que uma parte preciosa da gravação tenha se perdido — o que eram 30 minutos de voz viva, se tornou apenas 8. Mas a essência

ficou: a terra, mais do que tudo, é o que realmente nos completa. Para ele, Santa Cruz, mesmo sem ouro ou riquezas materiais, é uma terra mais valiosa que qualquer tesouro.

Depois dessa visita que nos tocou profundamente, seguimos para o Santuário da Igreja da Santa Cruz dos Milagres, conhecida carinhosamente como “Velha Igreja”. Lá, captamos imagens da parte externa e interna, que se tornaram parte dos cenários que acolheram as vozes e as histórias do documentário. Em meio a esse espaço sagrado, conhecemos a Sala dos Milagres, um pequeno altar de fé onde os fiéis depositam seus agradecimentos e promessas — desde fotografias até réplicas de partes do corpo feitas em madeira, símbolos das curas e milagres buscados.

À tarde, seguimos para o Olho d'Água, no coração da cidade, onde nasceu a lenda da Santa Cruz. Relembramos a história do vaqueiro, anônimo e misterioso, que no alto do morro cavou um poço por ordem de um beato, que carregava uma cruz feita da árvore Aroeira. O vaqueiro, mesmo cético, atendeu ao pedido sob a promessa de milagres naquele lugar. E, de fato, tempos depois, quando sua filha adoeceu, ele a levou até o Olho d'Água e testemunhou a cura milagrosa que mudaria para sempre a história da cidade, atraindo fiéis em busca da mesma fé e esperança.

Conversamos com Cosme Pereira da Silva, funcionário da Igreja, que guarda e zela pelo Olho d'Água e pela água santa que ali é retirada para os fiéis. Ele compartilhou conosco relatos emocionantes sobre os milagres que essa água já realizou, renovando a fé de muitos.

Antes do pôr do sol, tivemos a oportunidade de ouvir Tomás, vizinho da nossa casa, que nos contou sua trajetória, sua chegada a Santa Cruz dos Milagres vinda de Aroazes, e o que o faz permanecer nessa terra abençoada, reforçando a ligação afetiva que une as pessoas a esse lugar.

Com o sol começando a mergulhar no horizonte, seguimos para a “Velha Igreja” mais uma vez. Lá, capturamos o espetáculo do pôr do sol sobre o alto do morro, um momento de silêncio e reverência diante da beleza imponente da igreja e da cruz que vigiam a cidade do ponto mais alto.

3) Terceiro dia (7 de novembro de 2024)

Quinta-feira, 7 de novembro de 2024. Saímos de casa por volta das 8 horas da manhã em direção ao centro da cidade. Tomamos café e demos uma volta pelo olho d'água, a

movimentação estava maior que nos dias anteriores, mas ainda fraca em comparação ao que esperávamos. Subimos a escadaria e algumas barracas começaram a tomar os espaços. Fomos até a igreja velha e a movimentação ainda não era tão intensa. Estava bem no final de uma missa e o padre anunciava que em breve as romarias chegariam. Captamos algumas imagens do final da celebração e logo após o fim da missa, fomos almoçar e voltamos para casa. Às 13 horas saímos de casa rumo ao Rio Santa Cruz. Há dias estávamos na cidade e ainda não o tínhamos visitado.

Chegando no local vimos que era bem movimentado, muito mais que o restante da cidade. Algumas pessoas banhando, outras pescando, outras lavando carros (um ambiente de atividades plurais). Chama a atenção que, do outro lado da margem do rio, o tempo é seco. Apenas folhas e matagais secos e sem vida, além de um ar tomado pelo calor. Pouco tempo depois, resolvemos ir para o centro da cidade novamente. Procurávamos dessa vez mais pessoas que pudessem falar da cidade. Resolvemos ir até o olho d'água para tomar um banho e encontramos duas senhoras que ali coletaram alguns baldes de água.

Oferecemos auxílio para ajudá-las a levá-los até sua casa e assim foi feito. No caminho conversamos sobre a cidade. Disseram-nos que moravam a vida toda naquela região. Deixamos cada uma em suas respectivas residências, mas ficamos na casa de Dona Maria das Dores. Lá, diversas outras pessoas se encontravam na porta. Conversamos com cada um deles. Senhores, já de idade avançada, mas muito simpáticos. Contavam sobre como a cidade cresceu nos últimos anos, mas mesmo assim, continuava igual. Eles contaram também sobre as diversas cruzes que existiam na cidade. De fato, eles não sabiam dizer qual era a mais velha ou qual era a origem de cada uma. O Sol baixava e precisávamos seguir caminho, então nos despedimos. Fomos até um bar, localizado bem em frente ao olho d'água, que tinha uma cruz, ao qual, nos dias anteriores, já nos chamaram à atenção. Chegamos, mas não fomos tão bem atendidos de início. Então, sentamos e repousamos. Mas aos poucos, o dono do local, que se identificou apenas como “Branco”, foi se abrindo e contando tudo. De acordo com ele, uma cruz de madeira que tinha na frente da residência (bem velha) já era da época de seu sogro, uma cruz de fato centenária. Ele nos disse que as histórias que lhe foram contadas é de que a Cruz foi colocada lá para localizar o olho d'água. Disse também que a cidade estava cheia todos os fins de semana, e que os eventos mostravam apenas uma amostra das festividades. A noite chegava, lentamente, mas chegava. Então, resolvemos partir para casa.

4) Quarto dia (8 de novembro de 2024)

Sexta-feira, 8 de novembro de 2024. Isla, videomaker, e Richards foram embora. Eu, Pedro, fiquei para tentar captar o restante dos dias na cidade. Às 7 horas saí rumo a igreja velha, percebia um fluxo maior de pessoas. A igreja velha começava a lotar. Neste momento, pela primeira vez, também observei alguma segurança no local, alguns policiais militares se encontravam no santuário. Às 9 horas se iniciou uma missa no antigo santuário, acompanhei cerca de 30 minutos da celebração e então resolvi partir para a escadaria. Lá se encontravam diversas pessoas. As barracas já lotavam a escadaria e o fluxo de pessoas só aumentava a cada minuto. Ainda no topo da escadaria, havia uma casa dos romeiros, a semana toda estava fechada, mas nesta sexta, ela abriu. Lá dentro, diversas pessoas já se acomodavam e armavam suas redes para o descanso. Desci a escadaria para ir até a prefeitura da cidade, mas não fui recebido. Resolvi subir novamente para ir até o antigo santuário e bem no meio do caminho encontrei um homem. Uma grande dificuldade para subir as escadas o vejo ofegante e digo “Cansa demais, né?” ele responde “nunca vou me acostumar”. Em um breve bate-papo até chegarmos ao topo, ele me diz seu nome, Manoel, ou como prefere, “Seu Mano”. Me contou que mora em Altos e que já não visitava a cidade sagrada (Santa Cruz) há vários anos, esse ano, resolveu ir, para agradecer a tudo de bom que tinha em sua vida. Segundo ele, suas promessas já estavam pagas, ele estava indo mesmo era por amor. Perguntei se ele não gostaria de gravar comigo e ele aceitou. Gravamos na casa dos romeiros. Infelizmente sua família estava bastante desconfiada. Ele não sabia seu número de celular e ninguém quis passar também, para que eu pudesse continuar mantendo contato com ele. Mas ele quis gravar, e enquanto eu gravava com ele, uma outra personagem apareceu, Dona Maria Silva. Estava lá por uma promessa que fez para seu neto. Ele caiu de uma moto e fraturou a perna, então, ela prometeu que caso ele melhorasse, o seu neto entraria de joelhos dentro da igreja e doaria uma quantia em dinheiro para a santa. Assim, foi feito. Gravei e conversei com ela sobre toda sua relação com Santa Cruz. O neto já tinha pago suas promessas e não conseguia falar com ele em nenhum momento, pois não se encontrava no local. Após a gravação parti para casa, pois já eram mais de 14 horas.

Mais tarde, resolvi voltar para a velha igreja, mas no caminho percebi algo diferente, a igreja nova estava cheia de pessoas. Muitas deitadas no chão, outras deitadas em rede. Conversei com alguns que ali estavam e eles me disseram que eram comerciantes, que se

encontravam no local com antecedência para guardar lugar para suas vendas. Me disseram também que por ali já existiam vários romeiros, que dormiram ali, ao lado do templo. Segui conversando com algumas pessoas e encontrei de fato vários fiéis, mas nenhum quis gravar comigo. Mas ali, compreendi um ponto importante para esta pesquisa: **“Para aqueles que acreditam, não há sofrimento e nem dor; não existe sacrifício algum, tudo é apenas fé! E a fé significa o amor, a paz e a confiança”**. Não escutei essa frase dita diretamente por ninguém, na verdade, é junção de várias coisas que ouvi.

A partir do momento em que estão em Santa Cruz dos Milagres, os romeiros se tornam uma “teia”, uma nova conexão. Além da fé na Santa, eles tinham fé na comunidade em que formavam juntos. Após essa reflexão e um tempo de descanso, continuo minha caminhada até a velha igreja, bem no topo, acompanho a chegada de alguns romeiros e a celebração de um terço. Captei algumas imagens e aguardei até a missa, que se iniciaria às 19 horas. Captei mais algumas imagens do templo, esperei a celebração da missa e voltei para casa.

5) Quinto dia (9 de novembro de 2024)

Sábado, 9 de novembro de 2024. Eu, Pedro, acordei cedo (7 horas) e olhei o material que conseguimos captar até aquele momento. Percebi que a gravação com dona Maria Silva estava em péssima qualidade e que o áudio não tinha captado direito. Ligo então para sua filha, único contato que tinha, e remarco de encontrar dona Maria às 14 horas ao lado do templo antigo. Após a ligação, por volta das 9 horas, resolvo ir até aos templos. A igreja nova estava novamente lotada, mas fiéis estavam no local em todas as partes do templo. Depois de dias de caminhada, meu corpo já sentia o cansaço da viagem, então, fiquei um bom tempo na igreja nova. Observava como funcionava a teia entre eles. Faziam a própria comida, banhavam no banheiro da igreja e dormiam em qualquer local que pudessem fugir do calor escaldante que fazia na cidade. Percebi também que uma de nossas observações estava totalmente precipitada. Apesar de sim ter muitos fiéis de idade já avançada, encontramos muitos jovens, que apareciam ter entre 20 e 30 anos de idade. Crianças também eram uma quantidade expressiva, mas julgo que sejam levados pelos pais, tios e avós e etc. Sigo minha caminhada, para a igreja velha.

Desta vez, cheia de pessoas, gravo algumas pessoas pagando promessas, de joelho e/ou colocando partes de madeira próximo a cruz. Quase ninguém quis dar relatos, na verdade, próxima a velha igreja e dentro dela, todos pareciam ter foco apenas para a Santa Cruz. Muitos diziam que depois conversavam comigo, mas ficavam horas e acabava os perdendo. Outros até queriam falar, mas precisavam já voltar para casa, eram romarias “bate-volta”.

O Sol já estava quase a se pôr, então resolvi voltar para casa. Antes de voltar definitivamente, resolvi fotografar o sol em um local próximo a nova igreja. Pela proximidade à igreja, resolvi entrar, queria confessar. Apesar de não crer muito nisso, queria fazer. A igreja é grande, entrei pela lateral, mas o cansaço me fez parar um pouco e sentar em um banco bem ao fundo. Ao lado uma senhora me perguntou quanto custava uma fotografia e eu respondi que não era fotógrafo, mas que tiraria uma foto dela e das pessoas com total prazer e sem custo e lhe enviava pelo WhatsApp. Ela me disse então que na verdade, queria uma foto impressa. Que era para por a foto de sua sobrinha no altar, queriam fazer um pedido à Santa. Contou-me que sua sobrinha tinha uma infecção, vinda de uma bactéria que ela contraiu dentro de um hospital. Que a família tinha descoberto recentemente e que a mãe estava abalada. Que ela levou a sobrinha até Santa Cruz pois acreditava que com uma promessa, Maisa (nome da garota), iria se curar. E me relatou também que a mãe iria junto, mas não conseguiu, no dia da viagem (Sábado cedo), recebeu os exames da filha e o estado de saúde dela estava se agravando, pela notícia, sentiu um peso no coração e apenas chorava. Elas gravaram comigo, peguei relatos e combinei de encontrá-las no dia seguinte durante a missa de todos os santos. Maysa me deu o contato de seu Pai. Voltei para casa e lá liguei para o Pai de Maysa e conversei com ele. O mesmo confirmou a história e me disse que a filha tinha “Febre Reumática”, que o maior medo deles era que a bactéria avançasse ao coração. Ele me autorizou a gravar com a filha. Informou também que a mãe não poderia falar, pois estava em uma crise de choro desde o recebimento dos exames da filha.

6) Sexto dia (10 de novembro de 2024)

Domingo, 10 de novembro de 2024. Eu, Pedro, acordei às 4 horas da manhã, me preparei para poder acompanhar Maysa e sua tia na procissão que iria até a igreja. Às 5h20 me encontrava no lugar em que marcamos de nos encontrar, bem na frente da antiga igreja.

Às 5h30 elas aparecem. Gravamos algumas cenas com Maysa, sobre como estava naquele dia e o que sentia. Ela junto com a tia foram à antiga igreja e prestaram orações. acompanhei-nas por um longo tempo, até às 6 horas e 20 minutos da manhã. Logo após, desci com antecedência para a igreja nova para a espera da procissão, elas ficaram lanchando e disseram que só desceria mais tarde. Ao chegar na igreja, preparei todo o material para a gravação, pouca gente se encontrava no local. Às 7 horas da manhã a procissão começou a chegar e a igreja começou a lotar. Aos poucos, vários fiéis começam a chegar na igreja com imagens de diversos santos. No meio dos fiéis, estavam alguns padres convidados de paróquias vizinhas, o Padre Raniery, diretor do Santuário de Santa Cruz dos Milagres e o bispo da Arquidiocese de Teresina Dom Juarez. A missa se iniciou com uma fala de Dom Juarez. Captei as reações do fiés durante toda a missa. Ao final, conversei novamente com Maisa. Logo em seguida, encontrei uma personagem (Dona do Céu) que no dia anterior, não nos deu entrevista, mas relatou que aquela festividade representava apenas uma pequena amostra do que realmente acontecia na cidade milagrosa, escutamos isso em dias anteriores também.

Após a conversa, fui até o olho d'água. O local estava lotado, muitas pessoas e todas pareciam desesperadas pela água santificada. O poço que até então estava sempre cheio, estava praticamente vazio. A água que tinha era apenas a que brotava da nascente, bem ao fundo. Mas muita gente tentava tirar a água, com auxílio de baldes amarrados em cordas, e ela não conseguia acumular. Pouco tempo depois, fui para a praça, para pegar o ônibus e voltar para Teresina.

Apêndice 2: Viagem para Altos - 3 de Maio de 2025

Perdemos grande parte das nossas gravações. O pequeno cartão de memória não suportou toda a quantidade de imagens e acabou corrompendo muitos arquivos. Infelizmente, muitos áudios de entrevistas se perderam completamente — entre eles, o da pequena Maysa. Mas o documentário não podia parar. Precisávamos seguir em frente, buscar novas vozes, novos personagens que continuassem a contar essa história viva.

Então, fomos atrás de um dos nossos entrevistados que conhecemos em Santa Cruz: Manoel Mano. Um detalhe curioso é que, quando o encontramos na cidade, Mano estava visivelmente bêbado — talvez até sincero demais na conversa que tivemos com ele naquele momento.

No dia 3 de maio, encontramos Mano em sua casa, no município de Altos, mais precisamente no povoado Vista Alegre. Ele estava diferente daquela imagem que tínhamos de Santa Cruz, agora parecia um homem mais sério, mais calmo. Mas foi só uma impressão inicial, porque, pouco tempo depois, ele já estava sorrindo e sorrindo, aquele sorriso fácil que parece iluminar tudo ao seu redor.

Seu Mano se queixava constantemente das dores que sentia. Com uma hérnia de disco, sua vida nunca foi fácil. Mas, com orgulho, falou da sua pequena roça — um pedaço de terra que, na verdade, não é dele, mas também não pertence a ninguém. Ele cultiva esse terreno que fica ao lado da linha do trem, plantando milho, feijão, umas abóboras... de tudo um pouco. Diz que tira dali o sustento para se alimentar.

Sempre trabalhou duro. Quando era jovem, sua vida de trabalho era mais leve, mas depois de anos sob o sol escaldante, o corpo começou a pedir descanso. Nunca conseguiu sua aposentadoria — talvez uma das suas maiores lamentações. “Quando conseguir — se conseguir — vou visitar a Santa Cruz mais vezes”, disse com um misto de esperança e resignação.

Seu Mano nasceu em Demerval Lobão, uma cidade que mal conhece, só de nome mesmo. Logo sua mãe se mudou para Altos, onde ele vive desde então, sem pretensão de sair. Sempre soube da Santa Cruz. Para ele, Santa Cruz já nasceu com ele. Seu próprio nome é uma homenagem à Santa, pois nasceu no mesmo dia dela.

Mano não se vê como um pedinte. Na verdade, diz que é fiel por vocação e que faz poucos pedidos à Santa. Orgulha-se de nunca ter feito promessa alguma, pois seus poucos

pedidos são sempre atendidos de bom grado, como se a Santa o conhecesse e cuidasse dele com carinho... talvez por terem nascido no mesmo dia, seja esse o seu diferencial.

A entrevista foi curta, seu mano tinha trabalho para fazer e de acordo com ele “ficar sentado muito tempo com as dores era ruim”, ele queria andar e conversar e conversar, mostrar mais sua roça, mas preferimos deixá-lo descansar.

Ele nos disse que suporta as dores da vida porque tem um suporte divino. Lembrei de uma frase que ouvi numa série, baseada nos livros do escritor americano Neil Gaiman: “Deuses são reais, se você acredita neles.” Seu Mano disse algo parecido: “Você precisa ter vocação. A fé depende de quem acredita, e só quem acredita pode dizer o que é sagrado ou não”. Para mim, foi uma citação melhor que a de Neil Gaiman. A fé é pessoal, viva, e nasce do mais profundo da alma de cada um. Seja a fé em uma cruz, santo humano ou seja lá o que você acredita. A fé na verdade não tem descrição, nem precisa de rosto. A fé, só precisa do homem, que tenha coração e saiba sentir.

Apêndice 3: Viagem para Nazária - 17 e 18 de Maio de 2025

Dias depois de reencontrarmos “Seu Mano”, partimos para Nazária, onde ouvimos falar de um homem de fé profunda e sincera, devoto da Santa Cruz: Seu Zé Dionisio. Apesar do nome simples, sua devoção era intensa e verdadeira, profundamente cristã.

Cheguei – Pedro - a Nazária na noite de 17 de maio de 2025 — um sábado tranquilo. Minha hospedagem desta vez foi melhor que em Santa Cruz, fiquei na casa de um amigo que conhecia Seu Zé Dionisio. Soube que ele estava com o filho, Ismael, participando de um terço perto dali. Mal tive tempo de descansar; peguei a câmera e fomos imediatamente ao local.

Quando chegamos, uma reza já acontecia. Muitas mulheres e algumas crianças ocupavam o espaço, enquanto os homens permaneciam um pouco afastados. Foi ali que conheci Ismael. Apresentei-me e propus uma entrevista, que ele aceitou prontamente. Perguntei sobre seu pai, e ele respondeu com carinho: “Meu pai está onde mais gosta, perto dos santos.”

Olhei para o centro do círculo de oração e lá estava Seu Zé Dionisio, sentado bem no meio, com um colar de Santa Cruz pendurado no peito, um olhar sereno e mãos entrelaçadas em devoção. As pessoas sentavam-se ao redor dele, formando uma roda em torno daquele homem que parecia ser o coração daquele momento sagrado. À sua frente, um pequeno altar adornado com imagens de santos.

Quando as orações terminaram, me aproximei para conversar. Perguntei por que ele preferia estar sentado bem no meio da roda. Ele sorriu e respondeu com simplicidade e convicção: “Eu gosto de rezar perto dos santos. Se fosse para estar longe, eu nem rezava.” Concordei, sentindo a força daquela fé genuína.

Então, ele começou a falar sobre seu pai, sempre com o mesmo tom respeitoso e afetuoso: “Tudo de bom que eu aprendi, aprendi com meu pai. E rezar, foi com ele”. Falou sobre como seu pai o ajudou a compreender um mundo através da fé, e me falou depois sobre a Santa. Mas tudo bem rápido, logo ele me cortou “Não, mas amanhã a gente vê direito”, me chamou logo em seguida para lancharmos. Naquela ocasião eu até queria, mas resolvi não atrapalhar o evento alheio.

No dia seguinte, bem cedo, fui até a casa de Seu Zé Dionisio. Ele me recebeu com um sorriso largo e um abraço caloroso, daqueles que parecem aquecer a alma. Esperamos juntos a chegada do filho dele para começarmos a conversa de fato.

Seu Zé Dionisio é aposentado, mas ainda mantém uma rotina ativa como coletor de resíduos sólidos, trabalhando nas praças de Teresina. Com um olhar sincero, ele me contou que continua trabalhando porque gosta — e porque a empresa nunca o dispensou. Além disso, confessou, com uma pitada de humor, que sente “vergonha” de pedir as contas. Apesar da idade, afirma que o corpo aguenta, que trabalha, trabalha, trabalha... mas que seu melhor momento mesmo é quando está de férias ou folga. E sabe para onde ele vai nessas horas? Viaja para perto da sua santinha, a Santa Cruz.

Aprendeu sobre a santa com o pai, e quando mais precisou, foi a santa que, segundo ele, salvou a vida do filho. Quando Ismael chegou, os olhos de Seu Zé Dionisio brilharam de uma forma que só o amor verdadeiro pode explicar. Eles se parecem muito, e vê-los juntos me fez perceber dois milagres.

O primeiro é o do amor —O Amor por si só é um milagre, é algo inexplicável, infinito e parece que vem de algo divino. O segundo milagre é ainda mais impressionante: como pessoas tão simples conseguem acreditar com tanta fé a ponto de apostar suas vidas em algo invisível? Isso só pode ser milagre... ou amor. E, para ser sincero, ainda não sei bem a diferença entre um e outro.